

**Invertidas & Safistas: Visão da ciência sobre a  
homossexualidade feminina no século XIX e XX**

Por: Bárbara Fernandes Silva



[\(Ver PDFs já postados clicando aqui\)](#)

“historicizaram de nós  
como sendo inexistentes  
apagadas as trajetórias  
eliminadas as vivências  
mas somos nós mesmas  
aqui  
agora  
a contrapelo  
construindo narrativas  
trazendo à tona  
todas estas que nos antecederam  
[...]  
nos quiseram invisíveis  
mas nós  
— lésbicas —  
sempre fomos história”  
(Bárbara Esmênia)

Tentar compreender como ocorriam, quais eram os termos - e o que esses significavam, e como a sociedade via uma certa população sistematicamente oprimida através das lentes atuais pode ser desafiador. Como David Halperin<sup>1</sup> pontua, de qual modo podemos resgatar termos nos quais as experiências dos indivíduos que viviam em sociedades passadas de fato se deram?

Na grécia antiga, apesar da prática sexual entre um homem mais velho com posição social e política superior fosse permitida se realizada com um homem ou garoto mais novo de posição social e política inferior, outros casos, como o das “tribades” (mulheres que, apesar de fazer sexo com homens, preferiam outras mulheres), eram classificado como algo transgressor, praticado por pessoas “mentalmente perturbadas” - não pelo

---

<sup>1</sup> HALPERIN, D. M. One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love. Nova Iorque, Routledge, 1990, pp.28-29.

ato sexual com o mesmo sexo, mas por serem deviantes do gênero<sup>2</sup>, ou seja, por desvirarem do papel de gênero que lhes foi imposto assumindo o status político do ativo, do maculino, um desvio moral.

Mary McIntosh, ao escrever o “The homosexual role”<sup>3</sup> observou que a maior parte dos estudos ocidentais supunha que a sexualidade das pessoas poderia ser classificada de três formas: homossexual, heterossexual e bissexual, uma perspectiva pouco informativa, pois não explica como diferentes culturas definem a homossexualidade de maneira distintas e como ela era mais aceitável em certas épocas e lugares do que em outras.

Para Anne Fausto-Sterling (2002, p.49): “O que concluimos sobre as experiências passadas das pessoas depende em grande medida de acreditarmos que nossas categorias de análise transcendem o tempo e o lugar”. Sendo assim, a autora pontua conforme sugestão de Weinrich: “A despeito de semelhanças superficiais, não podemos saber se a tribo de ontem é a (o/u) “sapatão” de hoje”<sup>4</sup>.

Muitos estudiosos embarcam no desafio de dar um passado à expressão sexual humana, porém há vários desacordos sobre este “passado”. Com isso em vista, não pretende-se aqui tentar definir o que foi, o que é, ou não é a lesbianidade, nem se as categorias utilizadas por médicos, sociólogos e psicanalistas nos séculos XIX e início do século XX são equivalentes aos termos atuais. O principal objetivo deste texto é verificar como eram definidas e entendidas as relações sexuais entre duas pessoas que não se enquadram na categoria de homens-cis e brevemente entender o impacto dessas construções em nosso entendimento atual sobre a homossexualidade feminina.

Concluindo, o texto faz uso das palavras “lesbianidade ou relacionamento lésbico” por seu poder político na atualidade, trazendo

---

<sup>2</sup> FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. Cadernos Pagu 2002: 9–79. p.45.

<sup>3</sup> MCINTOSH, Mary. The Homosexual Role. Social Problems, Vol. 16, No. 2. (Autumn, 1968), pp. 182-192.

<sup>4</sup> FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. Cadernos Pagu 2002: 9–79. p.51.  
FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. Cadernos Pagu 2002: 9–79. p.51.

visibilidade e espaço para esta população, mas também explorando sua possibilidade como termo guarda chuva para descrever as relações sexuais e/ou afetuosas entre duas pessoas que não se enquadram no que hoje entendemos como homem cisgênero.

### **O falocentrismo do controle religioso, um mundo antes da “ascensão” da ciência como maior influenciadora no ocidente**

Os primeiros registros históricos de relações lésbicas no Brasil são de instituições eclesiais. Durante o século XVI, a sodomia era considerada um crime e pecado, entretanto sua classificação apresentava alguns problemas, uma vez que a “transgressão” envolvia o ato de cópula anal com ejaculação. Em outras palavras somente através da penetração do penis e a presença do semem constitui-se o ato sodomítico, algo que não necessariamente incluía as mulheres. Para resolver essa questão, a igreja criou a sodomia imperfeita - que auxiliaria na tipologia dos crimes cometidos em atos sexuais lésbicos<sup>5</sup>.

No século seguinte, também em território nacional, com influência da misoginia presente na igreja, a lesbianidade ainda não era vista como um ato com o mesmo teor de gravidade do cometido entre homens para os religiosos, o que fez com que a prática perdesse sua identificação quanto um crime, permanecendo “somente” um pecado mortal<sup>6</sup>. Tal ato de desconsideração e subordinação, do ponto de vista histórico, contribuiu para a invisibilização dessas pessoas como sujeitos históricos<sup>7</sup>, mesmo que de forma altamente pejorativa, uma vez que quem detinha o poder (homens da igreja) de registrar suas existências desprezava sua relevância.

---

<sup>5</sup> OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania. v. 7, n. 2, p. 2-19, 2015. p. 4.

<sup>6</sup> OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania. v. 7, n. 2, p. 2-19, 2015.. p. 5.

<sup>7</sup> KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.

Em outras palavras, a falta de documentações, ampliada pela descriminalização, dificulta atualmente o entendimento e conceituação sobre os atos, identidades e definições próprias das pessoas – que aqui são só objetos<sup>8</sup>, cuja história escrita sobrevivente de tentativas de apagamento, reflete somente os conceitos e a relação dessas com o “grupo dominante”.

Assim, os poucos documentos sobreviventes com descrições de mulheres que mantinham relações sexuais com outras mulheres, demonstram uma forte tentativa de achar sentido para tal ato. Dentre as diversas justificativas escritas por homens de posição alta na igreja estavam a vontade de manter a virgindade para o futuro marido, evitar os riscos da castidade, se rebelar da tirania dos pais, compensar a decepção por casamentos no qual o marido era violento ou a abandonava, e a leitura de livros que narravam o amor entre mulheres<sup>9</sup>.

Como reflexo da visão da igreja, imperativa na época, a sociedade em geral também não demonstrava interesse pela as relações homoafetivas entre não homens-cis. O escritor e historiador francês Pierre de Bourdeilles<sup>10</sup>, escreveu uma série de textos durante sua vida. Em um desses, que só foram publicados no século XVII, anos após a sua morte, era feita uma ponderação que reflete a visão de seu espaço-tempo e posição social. Para o autor, a razão de algumas mulheres terem relações sexuais uma com as outras seria para prática e aprendizado, no intuito de melhorar sua relação com o homem – que lhes daria o “sexo de verdade”. Tal visão, era seguida por homens da época que viam essas relações como algo que não precisava ser levado à sério (NAPOLITANO, 2004).

Independente da motivação, para essa classe dominante – homens brancos cristãos e heterossexuais – o ato sexual entre mulheres sempre se dava por algo externo, na maior parte das vezes com relação a uma figura

---

<sup>8</sup> KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.

<sup>9</sup> VAINFAS, Ronaldo. (2010). Trópico dos pecados – moral, sexualidade e inquisição no Brasil. RJ. Civilização Brasileira.

<sup>10</sup> NAPOLITANO, Minisa Nogueira. (2004) A construção do lesbianismo na sociedade carioca oitocentista. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. Caxambú- MG – Brasil.

masculina (pai e/ou marido), mas nunca pela possibilidade do desejo dessas pessoas entre si.

“É muito frequente observar que, tanto nas narrativas de época como nas da posteridade, há tentativas de encontrar outros fatores, que não seja a do desejo homoerótico como motivador para explicar as experiências lésbicas” (Oliveira, 2015, p.6).

De todo o modo, pelo fato da história ser escrita pela classe dominante, a realidade dessas pessoas, assim como com outros grupos socialmente oprimidos, foi definida por outros, suas identidades foram criadas por outros, e suas vidas, tal como o convívio íntimo que tinham entre si, são descritas somente de maneiras que a definem acerca dos “sujeitos” da época<sup>11</sup>. Assim, grande parte do que sabemos sobre suas existências durante esse período é através de documentações oficiais da igreja e de seus seguidores.

### **A ascensão dos saberes europeus e a patologização do diferente**

“During the first half of the nineteenth century we can see the accelerating efforts of the medical and legal professions to define, codify, and control all forms of sexuality and thereby to replace the church as the arbiters of sin and morality” (Vicinus, 1992, p. 473)

No século XIX, no ocidente o discurso da igreja católica perde espaço para os “campos de saber”, que por sua vez, tomaram para si os direitos de ditar as normas de condutas e comportamentos a serem seguidos pela sociedade. Apesar dessas normas serem difundidas como oriundas de um espaço neutro, elas herdaram a visão eurocêntrica e patriarcal do mundo teocêntrico que colocava o homem branco cisgênero e a heterossexualidade como padrões, jogando às margens da sociedade aqueles que não se enquadravam nessas categorias.

Tradicionalmente, a ciência é entendida como algo universal e neutro – sustentada pelo empirismo e positivismo. Entretanto, nas últimas décadas

---

<sup>11</sup> KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. 2008.

essa ideia foi fortemente criticada por teóricas feministas. Judith Butler (2010), filósofa e feminista da terceira onda, afirma que o discurso entendido como universal é excludente, e que se a universalização não for questionada ela continuará sustentando as estruturas de poder. Ela ainda questiona as divisões binárias natureza/cultura e feminino/masculino em relação ao gênero, e demonstra como este conceito (de aparência naturalista do gênero) é constituído na sociedade a partir das relações de poder existentes.

De fato, as dicotomias para explicar fenômenos e o mundo em geral são características dos “saberes europeus”, e se explicitam nos trabalhos realizados por médicos, biólogos, antropologistas e psicanalistas dos séculos XIX e XX. Em relação à sexualidade feminina, alguns estudiosos na era vitoriana promoviam a ideia de que as mulheres fossem sexualmente indiferentes, enquanto os homens eram sexualmente agressivos. Porém, se somente os homens sentiam desejo, como e por que duas mulheres poderiam sentir interesse sexual mútuo? Conforme as crenças de alguns cientistas da época - uma dessas mulheres deveria ser uma “invertida”<sup>12</sup>.

“Richard von Krafft-Ebing, a German psychiatrist, was particularly interested in documenting various “anomalies” in *Psychopathia Sexualis* in 1886. In that book, he theorized that homosexuality was a form of gender inversion that stems from moral degeneracy. Gay men were men with women’s brains, and lesbians were women with men’s brains.” (Vicinus, 1992).

A princípio, a invertida era descrita como uma mulher que se vestia e assumia trabalhos do “sexo oposto”, uma consideração que impõe a existência de somente dois sexos - feminino ou masculino. De acordo com a descrição de Ellis (1928) a invertida poderia ser identificada por uma série de comportamentos como fala direta e franqueza, degrado e incapacidade para afazeres domésticos, movimentos bruscos e enérgicos, atitude dos braços, entre outros que “entregavam” sua “anormalidade psíquica subjacente”.

---

<sup>12</sup> FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu* 2002: 9–79. p. 43.

Dessa forma, a homossexualidade saía do posto de pecado para também adentrar ao da doença mental, uma vez que como Napolitano (2004) pontua, o “comprometimento da Medicina com as políticas de controle social privilegiava certas áreas de intervenção das estratégias normatizadoras”. Para Foucault, o papel de muitos profissionais da ciência passou a ser otimizar e padronizar os corpos<sup>13</sup>, nos tornando “uma sociedade da normalização”<sup>14</sup>.

Sendo assim, pessoas identificadas como sendo pertencentes a esta patologização poderiam ser internadas e submetidas a “tratamentos” de “hidroterapia, eletricidade e sugestão hipnótica”, sob os cuidados de um médico psiquiatra com o objetivo final de “cura do degenerado”<sup>15</sup>.

“O comportamento sexual dos indivíduos, inclusive o das mulheres, também passou a ser amplamente discutido nas teses médicas – afinal de contas, nas últimas décadas do século XIX, a mulher foi deixando de ser vista como um ser assexuado e sendo encarada como uma pessoa que tem desejos e necessidade de supri-los – sobretudo após a criação da Cadeira de Clínica Psiquiátrica nos cursos das faculdades de medicina do Império, em 1879” (Napolitano, 2005).

Pretes (2007), traz as práticas do médico legista Leonídio Ribeiro. Para ele, as causas da homossexualidade estavam relacionadas a um problema fisiológico, que poderia ser influenciado por um desequilíbrio na funções endócrinas, e os tratamentos variavam desde a atenção familiar até intervenções cirúrgicas como transplantes ovarianos ou testiculares.

Outros médicos associavam a homossexualidade feminina, assim como em alguns transtornos mentais, a lesões e doenças genitais, e a menstruação, que por sua vez era considerada como o momento mais propício para mulheres manifestarem problemas de ordem mental<sup>16</sup>. Já Luiz

---

<sup>13</sup> FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. Cadernos Pagu 2002: 9–79. pp.25-26.

<sup>14</sup> FOUCAULT, M. Two lectures. In: GORDON, C. (org.) Power/knowledge: Selected interviews and other writings 1972-1977 by Michel Foucault. Nova Iorque, Pantheon, 1980, p.107.

<sup>15</sup> OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania. Les Online, [Lisboa], v. 7, n. 2, p. 2-19, 2015.

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania. Les Online, [Lisboa], v. 7, n. 2, p. 2-19, 2015.

de Paula,<sup>17</sup> também médico, associava a lesbianidade à histeria “pois nela, a imaginação é desregrada e super excitada, como em todos os outros degenerados”.

O prazer sexual também era visto como um causador da homossexualidade feminina. Para o médico Pires de Almeida (1906), o prazer sexual e conseqüente orgasmo poderia levar as mulheres ao “lesbianismo”, outro fator destacado pelo médico era a temperatura global. Para ele, países com temperaturas mais quentes levam as mulheres a cometerem “desvios morais”. Sobre seu estudo,

“As mulheres que não se enquadrassem em um perfil corpóreo vinculado a heterossexualidade deveriam ser vistas como invertidas. Nesse caso, a aparência física, como corpos gordos, com mais pelos ou até mesmo a sua maneira de andar, poderiam resultar na sua classificação de “desvios da natureza.” (Gouveia, 2022)

Almeida também apontava como conseqüência da relação lésbica a perda da beleza, e sugeria a mediação médica para cessar o “comportamento”. Em questão dos tratamentos, para o médico deveria ser aplicada de trinta a cem sessões de hipnose, e os resultados deveriam “incutir ao doente a repulsão, o nojo, o horror pela sua anormalidade”, e uma “apetencia sexual para as carícias do sexo oposto”.

“E’ neste último estado que convém incutir ao doente a repulsão, o nojo, o horror pela sua anormalidade, mostrando-lhe ao mesmo tempo quanto se distancia dos demais seres, quer da sua espécie, quer mesmo da escala inteira zoológica, em afastar-se das leis naturais; [...] No entanto, sua correção é fácil, pois depende exclusivamente de um esforço de vontade” (Almeida, 1906).

Ainda para Almeida, as maiores “culpadas” pelas práticas sexuais lésbicas eram as mulheres negras escravizadas, como se “coubesse a elas a condição de ser naturalmente imoral”<sup>18</sup>. O médico também discorre sobre as mulheres indígenas, em conjunto as negras, como grandes influenciadores

---

<sup>17</sup> NAPOLITANO, Minisa Nogueira. (2004) A construção do lesbianismo na sociedade carioca oitocentista. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. Caxambú- MG – Brasil.

<sup>18</sup> Gouveia, Vanessa Alves. “Tribadistas, Safistas e Clitoristas” no discurso do Médico José Ricardo Pires de Almeida: os estudos de higiene moral no Rio de Janeiro (1832-1906). História Transviada. p. 101. 2022.

das práticas homoafetivas. Um pensamento que reflete o Brasil república, e uma sociedade recém saída do período escravocrata.

Já para Aguiar (1926, p. 359), "as depravações nas mulheres são frequentes em todas as classes sociais, mas principalmente entre a nobreza, entre a alta burguezia, nas prostitutas, nas empregadas do comércio e indústria, nas atrizes, etc.", enquanto Moniz (1906, pp. 159-160) defende que estas se evidenciam "no mundo da prostituição, entre as atrizes e no meio da aristocracia".

Aguiar (1926) categoriza lésbicas entre ativas e passivas, sáficas e tríbadas, e verdadeira e falsa. O autor não conseguia compreender a possibilidade dos papéis serem intercambiáveis, seguindo um preceito do sexo heterossexual onde o homem ou a ativa faz, isto é, penetra e a mulher ou a passiva é penetrada. A segunda linha divisória para o autor separava sáficas que se "tornavam" lésbicas por serem seduzidas por uma mulher ou rejeitadas por um homem, e as que seduziam.

Contrariando a ideia imposta de que a homossexualidade feminina tinha relação com uma expressão externa associada ao masculino, lésbicas que os médicos não podiam classificar como masculinas eram vistas como narcisistas que buscavam qualquer atenção independente do sexo da outra parte, por isso eram classificadas como "falsas" homossexuais, narcisistas ou homossexuais cuja homossexualidade foi "adquirida" e não era "congénita"<sup>19</sup>.

"(...) os médicos têm também mais dificuldade em explicar a homossexualidade feminina do que a masculina e recorrem frequentemente à ideia de que ela decorre de más experiências anteriores com homens, de terem sido rejeitadas por estes ou de terem dificuldades em manter uma relação heterossexual, supostamente mais ansiogénica devido à diferença dos géneros, paralelamente à existência de uma "oferta" lésbica. Menos referida como razão é a possibilidade de essas mulheres darem mais importância à pessoa do que ao seu sexo" (Moita, 2001).

---

<sup>19</sup> BRANDÃO, Ana Maria. Da sodomita à lésbica: o género nas representações do homo-erotismo feminino. "Análise Social". ISSN 0003-2573. 45:195 (2010) 307-327.

Para o psiquiatra Afrânio Peixoto (1944), os colégios, pensionatos e conventos eram lugares onde a homossexualidade se manifestava com maior frequência, e para evita-la cabia aos cientista alertar aos perigos, riscos e condições dessas “práticas sexuais invertidas e inaceitáveis”<sup>20</sup>. O casamento também era entendido como uma forma de tratamento, e neste caso para o clínico Horácio Corrêa, tinha poder de prevenir que a mulher caísse na devassidão<sup>21</sup>.

Com essas novas conceituações acerca da homossexualidade feminina, podemos observar uma tentativa incansável desses cientistas para adequar essas pessoas a um cenário de normatização social idealizado pelo racional científico. Contudo, a categorização da invertida, apesar do teor negativo e patológico, foi uma forma de reconhecimento de que existiam mulheres que preferiam mulheres como parceiras sexuais e amorosas.

Entretanto, apesar do reconhecimento em certa parcela e com muitas ressalvas do desejo sexual lésbico, as teses escritas por estes cientistas durante os séculos XIX e XX estão permeadas por uma visão moral e subjetiva da classe dominante, algo que se evidencia com as formas que descreviam as práticas sexuais lésbicas e as escolhas de nomeação e categorização altamente tendenciosas e pejorativas, como por exemplo ao se referirem a mulheres masculinizadas como monstros ou bestas feras – o que foge da pretensão de que seus discursos tinham como base a neutralidade. O anseio desses para combater a lesbianidade através da educação e casamento também demonstra o sentimento moralizador de controle sobre esses corpos que não se enquadram nos padrões socialmente impostos por eles mesmos.

## Considerações Finais

---

<sup>20</sup> PEIXOTO, Afrânio (1944.). Eunice e a Educação da Mulher. Vol. XX. Rio de Janeiro: Jackson Inc.

<sup>21</sup> NAPOLITANO, M. N. O médico e a mulher na sociedade carioca oitocentista. In: XIV Encontro de Estudos Populacionais (ABEP), 2004, Caxambú - MG. ST16-(GEN) Sexualidades, 2004.

Trazer a tona as formas na qual os campos científicos buscavam entender a lesbianidade nos séculos XIX e XX pode auxiliar no processo de “desnaturalização” da visão da ciência como algo objetivo e neutro, reconhecendo as dinâmicas de poder social que influenciam sua produção e os impactos dessas no conhecimento que é produzido e difundido. Em outras palavras, entender a ciência como algo não exclusivo da epistemologia torna possível notar a forma na qual fatores como raça, nacionalidade e gênero influenciam a construção das teorias científicas (Wortmann, 2008).

Em outras palavras, como Kilomba (2008) pontua, todos nós falamos de um tempo e lugar específicos e de uma história e realidade específicas, portanto nenhum discurso é neutro, o que temos, na realidade e nos estudos mencionados é a perspectiva dominante (imposta por meio do processo de colonização, eurocentrismo e período escravocrata) daquele espaço tempo.

Sandra Harding (1986) discute como o “homem branco criou o conhecimento (a ciência moderna) à sua imagem”, aludindo ao fato de que muitos dos conceitos e pesquisas ocidentais colocam essa figura como normalidade - impondo assim, á todos os outros que não se encaixam nessa categoria, uma posição fora do padrão, “anormal”.

Outras pesquisadoras feministas concordam sobre os usos e abusos da ciência ocidental contruída sob um viés dualista que coloca o homem branco heterossexual como norma (Fausto-Sterling, 2002). Seguindo este ponto de vista, é possível afirmar que a ciência objetiva não possui imparcialidade e reproduz conhecimentos localizados, algo que traz à tona a necessidade da epistemologia buscar pelos saberes marginalizados, expandindo o conhecimento para além dos núcleos dominantes (Harding, 1986). Donna Haraway (1988) afirma que a “neutralidade” presente dentro dos discursos de privilegiados só é possível, pois esses aceitam o apagamento da dimensão do corpo e da experiência, pois o emitem do ponto de vista “universal” dos homens brancos e seus espaços de poder.

A ciência, portanto, não deve ser entendida como um estudo apolítico da verdade, mas sim “uma reprodução de relações raciais de poder que ditam o que deve ser considerado verdadeiro e em quem acreditar” (Kilomba, 2008). Todas as pessoas estão inseridas e reproduzem, de certa forma, a sociedade que o cerca.

Sendo assim, este texto se propôs a resgatar a forma com qual lésbicas eram tratadas no intuito de trazer visibilidade a temática evitando que a memória dessas relações caia no esquecimento e fornecendo uma “voz” simbólica que por séculos lhes foi retirada e negada.

“Resgatar a memória é também uma forma de empoderamento, pois ressignifica os silêncios e as invisibilidades dos excluídos, dos marginalizados e das minorias e possibilitam re-apropriações e interpretações do passado como forma de criar sentimentos históricos de pertencimento” (Kilomba, 2008).

Os registros publicados sobre esta população, seja em documentações da igreja, ou em teses baseadas nos “saberes europeus” ignoram nomes e sobrenomes e posicionam-se de forma tendenciosa desnaturalizando suas existências algo que perpetuou e fundamentou as opressões vivenciadas por lésbicas até os dias atuais.

“Trabalhar a história das lésbicas a partir do discurso do outro no passado é uma maneira de alertar para a construção da cidadania, no presente, para que as lésbicas construam seus próprios discursos, a partir de si mesmas e viabilizem suas demandas e existências” (Oliveira, 2015, p.16).

Trazer a tona a discussão sobre os conceitos de definição para qual se davam os relacionamentos e a atração lésbica também potencializa a luta pela desconstrução de mitos herdados dessa época utilizados até hoje na tentativa de explicar as relações homoafetivas entre não homens-cis como advindas de fatores associados a figura masculina (pai, marido, irmão, companheiro).

“O tema da lesbianidade deve ser investigado como um objeto de relevância acadêmica, sociológica, antropológica, histórica, assim como quaisquer outras temáticas em que foram destinadas ao ostracismo vidas de pessoas comuns, para que sejam reconstruídas e

resgatadas suas memórias, como ferramentas fundamentais para a afirmação da construção da cidadania” (Oliveira, 2015, p.16).

## Referências

AGUIAR, A. A. DE “Evolução da pederastia e do lesbianismo na Europa: contribuição para o estudo da inversão sexual”. Arquivo da Universidade de Lisboa, 11, pp. 335-620. 1926.

ALMEIDA, José.. Homossexualismo. A libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instinto genital. Rio de Janeiro: Laemmert & C, 1906. O BrazilMedico, Rio de Janeiro, 1889.

Bollinger, Alex. Here are 5 old words for lesbian, gay & bi people worth knowing. 2017. Disponível em:

<<https://www.lgbtqnation.com/2017/10/5-old-words-lesbian-gay-bi-people-worth-knowing/>>

Brandão, Ana Maria. Da sodomita à lésbica: o gênero nas representações do homo-erotismo feminino. “Análise Social”. ISSN 0003-2573. 45:195 (2010) 307-327

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ELLIS, H. Studies in the psychology of sex. Vol II: Sexual Inversion. Philadelphia, P. A. Davis, p.250. 1928.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. Cadernos Pagu 2002: 9-79.

GOUVEIA, Vanessa Alves. “Tribadistas, Safistas e Clitoristas” no discurso do Médico José Ricardo Pires de Almeida: os estudos de higiene moral no Rio de Janeiro (1832-1906). História Transviada. 2022.

HALPERIN, D. M. One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love. Nova Iorque, Routledge, 1990, pp.28-29.

HARAWAY, Donna.. Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. Feminist Studies, 14(3), 575-599, 1988.

HARDING, Sandra. 1986. The Science Question in Feminism. Cornell University Press. KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. 2008.

MCINTOSH, Mary. The Homosexual Role. Social Problems, Vol. 16, No. 2. (Autumn, 1968), pp. 182-192.

MOITA, M. G. Discursos sobre a Homossexualidade no Contexto Clínico: A Homossexualidade de Dois Lados do Espelho. Dissertação de doutoramento, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto. 2001.

MONIZ, E. A Vida Sexual, vol. 2., Lisboa, Ferreira & Oliveira. 1906.

NAPOLITANO, M. N. O médico e a mulher na sociedade carioca oitocentista. In: XIV Encontro de Estudos Populacionais (ABEP), 2004, Caxambú - MG. ST16-(GEN) Sexualidades, 2004.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania. Les Online, [Lisboa], v. 7, n. 2, p. 2-19, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/20169>

PEIXOTO, Afrânio (1944.). Eunice e a Educação da Mulher. Vol. XX. Rio de Janeiro: Jackson Inc.

PRETES, Érika Aparecida e VIANNA, Túlio. (2007). História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo. Iniciação Científica: Destaques.

VAINFAS, Ronaldo. Trópico dos pecados – moral, sexualidade e inquisição no Brasil. RJ. Civilização Brasileira. (2010).

VICINUS, Martha. “‘They Wonder to Which Sex I Belong’: The Historical Roots of the Modern Lesbian Identity.” Feminist Studies, vol. 18, no. 3, 1992, pp. 467-97. JSTOR, <https://doi.org/10.2307/3178078>.

WORTMANN, M; L; C. A visão dos estudos culturais da ciência. ComCiência n.100 Sociedade Brasileira para Progresso da Ciência. Campinas 2008. Disponível em: [http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542008000300012&lng=pt&nrm=is](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542008000300012&lng=pt&nrm=is)